

ENSINO DE HABILIDADES BÁSICAS PARA PESSOAS COM AUTISMO: MANUAL PARA INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL INTENSIVA

Marília Bazan BLANCO¹

Ana Paula Gonçalves Arantes GENARI²

GOMES, C. G. S.; SILVEIRA, A. D. *Ensino de Habilidades Básicas para pessoas com autismo: manual para intervenção comportamental intensiva*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016. 215 p.

Neste livro, Gomes e Silveira (2016) socializam o material desenvolvido pela equipe de profissionais do Centro de Estudos e Intervenção para o Desenvolvimento Humano, apresentam um currículo que orienta o primeiro ano de Intervenção Comportamental Intensiva para crianças com Autismo (1 a 6 anos), com comprometimento da fala, assim como descrevem procedimentos e protocolos de registro de atividades.

O “Prefácio”, de autoria da professora Deisy das Graças de Souza, menciona a crescente incidência dos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) na população mundial e ressalta que o avanço científico tem contribuído para o desenvolvimento de instrumentos, tanto para diagnosticar quanto para instruir familiares e profissionais das áreas da saúde e da educação.

Gomes e Silveira (2016) discorrem na “Apresentação” sobre as principais dúvidas relacionadas à *Applied Behavior Analysis* (Análise do Comportamento Aplicada) e argumentam que as intervenções devem ser iniciadas o mais precocemente possível, ter duração de 15 a 40 horas semanais, contar com a participação familiar e visar, além do ensino de diferentes habilidades simultaneamente, também a manutenção das habilidades aprendidas.

No Capítulo 1, “Avaliação do Desenvolvimento”, as autoras sinalizam que, antes de usar o manual, faz-se necessário avaliar o desenvolvimento da criança com autismo por meio de “[...] instrumentos disponíveis, adaptados e/ou validados” (p. 25). Para tanto, tal avaliação deverá ser realizada por profissionais como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos. Ao identificar as áreas com comprometimento diante do que é esperado para a idade cronológica da criança, será possível planejar a Intervenção Comportamental Intensiva.

No Capítulo 2, “Princípios Básicos de Análise do Comportamento”, a Análise do Comportamento é definida como “[...] uma ciência complexa, que está em constante transformação, e que é composta por diversos princípios e conceitos” (p. 29), tais como: resposta, estímulo antecedente, estímulo aversivo, reforço positivo e negativo, fuga e esquiva, punição positiva e negativa, e extinção. Vale ressaltar que a observação do que a criança está fazendo (resposta), bem como do que acontece antes (estímulo antecedente) e o que acontece depois

¹ Doutora em Psicologia e Mestre em Análise do Comportamento. Coordenadora do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva com Ênfase nos Transtornos do Neurodesenvolvimento e docente do Mestrado Profissional em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Cornélio Procopio.

² Professora Pedagoga da Secretaria Estadual da Educação do Estado do Paraná. Cursista do Mestrado Profissional em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Cornélio Procopio.

(consequência) faz-se necessária para pensar em como ensinar comportamentos novos a crianças com autismo (p. 44).

No Capítulo 3, “Como Utilizar este Manual”, é apresentado o Currículo de Habilidades Básicas, bem como uma rota para o ensino das habilidades e para a introdução dos programas de ensino. O Currículo de Habilidades Básicas é dividido em cinco áreas: habilidades de atenção, habilidades de imitação, habilidades de linguagem receptiva e expressiva e habilidades pré-acadêmicas. Num total de 28, cada área é composta por programas variados de ensino.

No Capítulo 4, “Protocolos de Registro”, são descritos os instrumentos que servem para auxiliar a organização do ensino e a verificação da aprendizagem, a saber: Protocolo de objetivos de Metas; Protocolo ABC; Protocolo certo/errado; Protocolo de ocorrências de respostas e os Protocolos de manutenção.

O Capítulo 5, “Habilidades de Atenção”, aborda os programas de ensino: sentar; esperar e o contato visual. Para tanto, as autoras definem cada programa, bem como descrevem seus procedimentos e protocolos.

No Capítulo 6, “Habilidades de Imitação”, as autoras reiteram que “a imitação é uma habilidade muito importante para o desenvolvimento e para a aprendizagem de novas habilidades” (p. 81). Embora as crianças com autismo possam apresentar dificuldades para imitar outras pessoas, há a possibilidade de ensiná-las por meio dos programas de ensino, a saber: imitar movimentos motores grossos; imitar ações com objetos; imitar movimentos motores finos; imitar movimentos fonoarticulatórios; imitar movimentos grossos em pé e; imitar sequência de movimentos.

O Capítulo 7, “Habilidades de Linguagem Receptiva”, traz a definição, bem como as orientações para o desenvolvimento dos procedimentos e das instruções relacionadas à área de linguagem receptiva. Ao todo são seis programas de ensino: seguir instruções de um passo; seguir instruções de dois passos; identificar partes do corpo; identificar pessoas familiares; identificar objetos; e identificar figuras. O intuito é “ensinar comportamentos que vão melhorar a capacidade de fazer relações entre instruções verbais e ações ou outros estímulos do ambiente” (p. 114).

No Capítulo 8, “Habilidades de Linguagem Expressiva”, Gomes e Silveira (2016) comentam que o foco deste capítulo “[...] é ensinar habilidades básicas e iniciais de linguagem expressiva” (p. 141), por meio dos seguintes programas de ensino: apontar em direção a itens desejados; produzir sons com função comunicativa; imitar sons; aumentar os pedidos vocais; nomear pessoas familiares; nomear objetos e nomear figuras. Cada programa possui o seu procedimento, protocolo e critério de aprendizagem, que auxiliam no ensino de crianças não falantes ou pouco falantes. Contudo, ressaltam a necessidade do acompanhamento sistemático de um profissional habilitado em fonoaudiologia.

No Capítulo 9, “Habilidades Pré-acadêmicas”, as autoras explicitam que “todas as atividades dessa área devem ser realizadas com a criança sentada à mesa, semelhante ao que é feito em ambiente escolar” (p. 173). Ao todo são seis programas de ensino: coordenação olho mão; emparelhar objetos; emparelhar figuras; emparelhar figuras e objetos; usar o lápis e usar a tesoura, os quais são apresentados pelas autoras, seguidos de seus procedimentos, protocolos e critério de aprendizagem.

No Capítulo 10, “Uso do Manual por Cuidadores de Crianças Com Autismo: Estudos de Caso”, são apresentados dois casos que explicam o uso do manual de Intervenção

Comportamental Intensivo para o ensino de habilidades básicas de crianças com Autismo. Tais crianças foram acompanhadas pelo CEI entre os anos de 2013 e 2015. As atividades foram realizadas por cuidadores dessas crianças, em ambiente domiciliar, orientados e supervisionados por um profissional de Psicologia e outro de Terapia Ocupacional. Ambas as crianças obtiveram ganhos no desenvolvimento a partir dos programas.

Por fim, nas “Considerações Finais”, relata-se que o desenvolvimento de uma criança com autismo é interessante e desafiador, uma vez que uma mesma criança pode ser capaz de fazer coisas bem difíceis e, ao mesmo tempo, apresentar dificuldade em fazer coisas triviais. Para as autoras, os contextos artificiais e repetitivos podem ser benéficos para as crianças com autismo, pois são situações planejadas e protegidas de aprendizagem.

Assim, uma vez que a obra se apresenta como um norteador para intervenção comportamental, descrevendo as estratégias para o ensino de habilidades básicas para crianças com Autismo, o seu conteúdo pode ser indicado a pais, cuidadores, educadores, psicólogos, terapeutas educacionais, fonoaudiólogos, médicos e demais interessados no ensino de crianças com TEA.

Recebido em: 20 de abril de 2017

Modificada em: 30 de junho de 2017

Aceito em: 15 de julho de 2017

